

CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA
carlosalexandre.df@dabr.com.br

G20 no gás

Por sinal, a semana será intensa para o G20. Diversos grupos específicos que integram o conjunto dos 20 países-membros estarão reunidos de segunda a sexta-feira no Brasil para tratar de temas que fazem parte da trilha Sherpas. Os especialistas têm debatido o teor do documento que será encaminhado aos líderes do G20, que farão reunião de cúpula no Rio de Janeiro, em novembro. Inteligência artificial, bioeconomia, transição energética, saúde e justiça social são alguns dos temas abordados.

Safrá polêmica

Adiado para esta semana, o lançamento do Plano Safrá 2024/2025 é o mais novo capítulo da relação sensível entre o governo Lula e o agronegócio. O setor aguardava a liberação de R\$ 570 bilhões, mas o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, anunciou que o plano virá com R\$ 475,5 bilhões, acima dos R\$ 435 bilhões da safrá anterior. “No nosso entender, isso é insuficiente”, reclamou o deputado Arnaldo Jardim (Cidadania), vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA).

“Forte subsídio”

Além de atender à agricultura empresarial com um crédito de mais de R\$ 400 bilhões, o governo pretende dar atenção especial à agricultura familiar. Segundo o ministro do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira, a ideia é oferecer um “forte subsídio” ao pequeno produtor.

Família é tudo

No mundo dos negócios, as mulheres prezam a família. É o que sugere o levantamento feito pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Segundo o estudo, 60% das empreendedoras contratam mais parentes do que as empresas comandadas por homens. Na avaliação da diretora de Administração de Finanças do Sebrae Nacional, Margarete Coelho, as mulheres têm uma prática empresarial mais inclusiva. “As mulheres têm uma experiência maior de atuação em redes de cooperação. Essa prática se estende aos núcleos familiares”, diz.

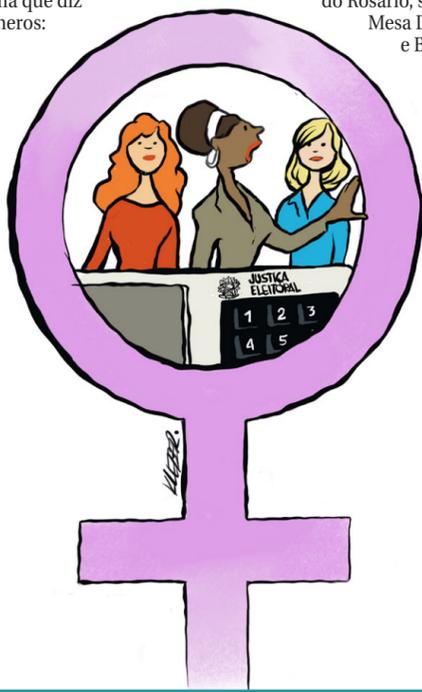
A hora e a vez da mulher na política

Minoria na política, as mulheres estão trabalhando para mudar essa realidade. Amanhã e terça-feira, em Maceió, representantes femininas de quatro organismos internacionais – União Europeia, ONU, ONU Mulheres e Mercosul – e 26 países participam da 1ª Reunião de Mulheres Parlamentares do P20. O encontro tem como propósito discutir políticas que contribuam para o aumento da representatividade feminina nos espaços de poder, mas também dará atenção a um tema que diz respeito a todos os gêneros: a sustentabilidade.

Nos dois dias de trabalho, a reunião

em Alagoas tratará de temas como justiça climática; desenvolvimento sustentável para mulheres e meninas; avanços legislativos e de políticas públicas para as mulheres; combate às desigualdades de gênero.

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, estará na abertura do evento, às 9h. Desde outubro do ano passado, Lira preside o P20, grupo formado pelos chefes do Parlamento do G20. Também participam da reunião as deputadas Maria do Rosário, segunda-secretária da Mesa Diretora da Câmara, e Benedita da Silva, coordenadora da bancada feminina.



Colado

A todos que lhe perguntam, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, reitera que não tem um preferido para sucedê-lo. Integram o rol de pré-candidatos os deputados Elmar Nascimento, Marcos Pereira, Isnaldo Bulhões, Antônio Brito, Hugo Motta e Doutor Luizinho. Mas há um deles que não descola de Lira: o baiano Elmar Nascimento. Amigo de longa data, o parlamentar do União Brasil está sempre onde Lira está: no Fórum de Lisboa, no carnaval ou nas reuniões de trabalho na Câmara.

Juntas pela educação

A Marinha do Brasil e a Receita Federal uniram forças em favor da educação. Três salas de informática serão entregues esta semana a alunos da rede municipal de ensino no Rio de Janeiro. Os computadores resultam de operações da Receita contra o contrabando e a importação irregular de eletrônicos. Originalmente aparelhos receptores de sinal — os populares TV Box —, esses equipamentos foram adaptados pelo Centro Tecnológico do Corpo de Fuzileiros Navais para funcionarem como computadores com funções de edição de texto, planilha, leitura de PDFs e navegação de internet.

Elétricos

Uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) revelou que, na média nacional, 28% das empresas têm interesse em substituir o óleo combustível pela eletrificação. O maior percentual favorável à mudança está na Região Sul — 34% —, seguida das Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte empataadas, e Nordeste. A eletrificação dos processos industriais é uma das tendências mundiais no debate sobre transição energética.

» Entrevista | HORACIO VILLEGAS | EMBAIXADOR DA BOLÍVIA

Para o representante diplomático em Brasília, apoio do governo Lula ao presidente Luis Arce teve um grande peso para que a ruptura democrática não seguisse adiante. Foi um forte elemento a reforçar a reação da população boliviana à quartelada

“Brasil foi importante contra golpe”

» HENRIQUE LESSA

A reação da comunidade internacional à tentativa de golpe militar na Bolívia, na quarta-feira passada, foi importante para que o movimento fracassasse. Mas, para o embaixador boliviano no Brasil, Horacio Villegas, o apoio do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao presidente Luis Arce foi “fundamental” para que a quartelada fosse abortada e os insurretos, presos. “Foi muito

importante, porque o Brasil é para a Bolívia o maior sócio comercial. Isso foi determinante na hora final”, salientou. Villegas lembra que seu país tem riquezas que despertam a cobiça de grupos econômicos, mas evita culpá-los. Para ele, o importante é que ao lado da comunidade internacional, os bolivianos se levantaram para impedir a ruptura institucional. A seguir, os principais pontos da entrevista.

Como o senhor avalia a situação na Bolívia?

O que aconteceu (última quarta-feira) vai marcar a história da Bolívia como um dia escuro, um péssimo capítulo da nossa história, com três comandantes das Forças Armadas tentando um golpe de Estado. Mas a resposta, principalmente da comunidade internacional e do povo boliviano, foi muito rápida. Agiram com uma força muito grande e isso determinou que não tivesse sucesso essa tentativa de golpe. Agora, a situação está muito mais tranquila, mais calma, com os três comandantes e outros 14 militares presos. Acho que os três novos comandantes que foram designados pelo presidente (Luis) Arce têm uma tarefa muito grande: a de identificar todos os militares, todas as pessoas que estiveram nesse processo de tentativa de golpe.

Quem são essas pessoas?

Tudo tem que ser bem investigado. A gente precisa saber o que aconteceu realmente, quais foram os atores envolvidos nesse processo, mas fica muito claro

que a democracia na Bolívia vai prevalecer. São 40 anos de democracia, fora o que aconteceu em 2019 [quando houve a deposição de Evo Morales e a deputada Janine Añez assumiu a Presidência]. Depois de um ano, tivemos eleições e escolhemos o partido do governo, que é o partido MAS (Movimento ao Socialismo). A Bolívia sempre respondeu seus problemas com mais democracia.

Janine Añez se declarou contra a tentativa de golpe. O senhor viu?

Não vi a manifestação dela, por isso não poderia falar sobre isso. Mas o que aconteceu em 2019 foi muito impactante para a história da Bolívia — tivemos mais de 40 mortos. A partir desse momento, nossa economia começou a decair bastante. Não conheço as palavras dela, mas isso é uma contradição.

Podem ser os mesmos atores de 2019?

Ainda é muito cedo para a gente ter conclusões definitivas. A gente tem muitas hipóteses,

Jefferson Rudy/Agência Senado



mas é um acontecimento muito recente, faz apenas três dias. Precisamos aguardar o curso das investigações.

Estariam em jogo interesses econômicos?

Na Bolívia está em jogo muita coisa. Desde jogos geopolíticos neste momento, de diversas mudanças mundiais, com um mundo que é multipolar. Já não temos só uma potência econômica — temos várias potências econômicas. Então, os recursos naturais — como são os minérios, o gás, o petróleo, o lítio, o urânio, as terras raras, o potássio, o fosfato — são todos questões muito importantes. Estamos em um processo de transição, onde o mundo financeiro, em que a riqueza saía das finanças, caminha para um mundo onde as riquezas vão sair dos recursos naturais.



Temos no governo do presidente Lula um amigo que sempre teve muita solidariedade com a Bolívia. Isso foi muito importante, foi determinante na hora final”

O apoio internacional foi importante contra o golpe?

Qualquer tentativa de golpe de Estado não teria sucesso sem o apoio da comunidade Internacional. Isso implica em relações

comerciais, em relações diplomáticas, que seriam muito afetadas. Para qualquer grupo que queira dar um golpe de Estado, esse fator é determinante. Porque, sem esse apoio, o mais provável é que o governo seria derubado muito rápido. A comunidade internacional reagiu de forma forte, contundente e rápida — principalmente na América Latina toda, além de países como Irã, China, Rússia, todos os membros dos Brics, além de alguns países da Europa. Reagiram de um jeito que parou qualquer intento de golpe.

E o Brasil?

Foi fundamental. Temos no governo do presidente Lula um amigo que sempre teve muita solidariedade com a Bolívia, e demonstrou ter essa grandeza conosco. Tanto o presidente como o

(assessor-chefe da Assessoria Especial do presidente) Celso Amorim, como todo o governo do Brasil demonstraram isso. Para nós, isso foi muito importante, porque o Brasil é, para a Bolívia, o maior sócio comercial. Isso foi determinante na hora final.

Parlamentares do Brasil comemoraram a tentativa de golpe. Mas, depois de fracassado, e com a prisão dos envolvidos, divulgaram a versão de que foi uma tentativa de autogolpe. O que o senhor pensa disso?

A resposta a essas afirmações é que eles (os parlamentares) têm a liberdade de falar o que pensam que aconteceu. E que bom que têm essa liberdade — não podemos monopolizar a verdade. Eles acreditam nisso e devem ter fatos para considerar assim. Mas será a população da Bolívia que vai determinar o que aconteceu realmente. Acho que qualquer tentativa de golpe por parte dos militares, não só na Bolívia, mas em toda a região, não pode ser aceita. A história da democracia na região é grande, apesar de que, quando os militares tomaram o poder, tivemos uma história obscura. Nessa balança, o melhor que qualquer país pode ter é a democracia, onde todas as opiniões são respeitadas e todas as pessoas podem falar o que acham que devem falar. A Bolívia tem uma história complexa envolvendo golpes, mas vejo que, ao final do dia, a democracia está mais forte e vai ser cada vez mais difícil que seja quebrada. Temos uma população que acredita na democracia e isso é o mais importante que um país pode ter.